



O CRISTÃO E AS REDES SOCIAIS: CUIDADOS NECESSÁRIOS PARA VIVER ETICAMENTE NO MUNDO VIRTUAL

The christian and social media: needy cautions to live ethically in the virtual world

Ercácio Nunes de Oliveira*



* Graduado em Teologia pela Faculdade Batista do Cariri.
Contato:
ercacio.nunes@hotmail.com.

RESUMO:

As redes sociais são um dos fenômenos que mais crescem no mundo inteiro, e naturalmente um dos que mais afetam as relações em sociedade. Diante disso, é que no presente artigo buscou-se compreender os primórdios das redes sociais, seu avanço tecnológico e as decorrentes consequências para as relações sociais. Pretendeu-se analisar se a teologia cristã, especificamente a ética, a partir de artifícios textuais interpretativos, propondo respostas para uma vivência equilibrada e correta desse mundo virtual, o que se provou possível por existirem textos bíblicos que sugerem princípios para entender essa temática tão abrangente.

PALAVRAS-CHAVE: Redes Sociais; Relações; Ética Cristã.

ABSTRACT:

Social networks are one of the fastest growing phenomena in the world, and naturally one that most has had an affect on social relations. Given this, the present article sought to understand in the early days of social networks their technological advancement and the resulting consequences for social relations. It was intended to analyze whether Christian theology, specifically ethics, from interpretative textual devices, propounds answers to a balanced and correct experience of this virtual world, which proved possible because there are biblical texts that suggest principles to understand such a broad theme.

KEYWORDS: Social Medias Relations; Christian ethics.

INTRODUÇÃO

No Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) de 2013, na questão 25, foi abordado um tema muito importante e problemático dos nossos dias a partir de uma charge. O tema é “Vida social sem internet?”. Na charge, o autor fala sobre o uso exacerbado das redes sociais por meio de um diálogo entre dois jovens, onde uma moça pergunta a um rapaz sobre sua presença nas redes sociais: *Orkut, Msn, MySpace, Facebook e Twiter*. A resposta dele é sempre positiva a todas as perguntas, até que a moça afirma: “Você está em tantos lugares, por isso raramente te vejo no mundo real”¹.

Sem dúvidas é bem cômico ler algo assim, no entanto, é essa a realidade que temos encarado por causa da falta de equilíbrio no uso das redes sociais. Cada vez mais as pessoas têm aderido a essa forma de relacionamento, trocando o convívio com as pessoas para explorar cada dia mais a fundo o seu mundo criado e vivido nas telas. Com certeza, para essas pessoas, é bem mais cômodo viver no seu próprio mundo que suportar os desafios dos relacionamentos interpessoais. Não é um comentário que desconsidera o valor das redes sociais, mas apenas um alerta importante. Diante de tudo uma questão pertinente volta-se para os limites do uso das redes sociais. Pensando nisso, e levando o Cristianismo como uma visão de mundo válida e relevante, torna-se lícito questionarmos: Como os cristãos podem fazer uso das redes sociais sem criarem uma clara tensão com a Ética Cristã?

A forma como pretendemos chegar a respostas satisfatórias é observando as origens da internet e o modo como elas afetaram não apenas nos fundamentos do conceito de rede social, como a forma de usá-la. Veremos também como progressivamente as redes sociais tem provocado fortes mudanças na vida das pessoas e da sua convivência em sociedade. Por fim, com base na ética cristã, queremos traçar algumas diretrizes que nos ajudarão a entender qual o melhor modo do cristão fazer uso das redes sociais, sem precisar infligir a vontade de Deus revelada na Bíblia.

¹ A charge pode ser vista em: <http://educacao.globo.com/provas/enem-2013/questoes/25.html>

1 – AS REDES SOCIAIS E O PROCESSO DE TRANSIÇÃO PARA AS RELAÇÕES EM SOCIEDADE

O conceito de “Rede Social” não é uma exclusividade do mundo tecnológico. Muito antes da internet ser criada era possível fazer uso da ideia sem precisar se referir ao que entendemos por redes sociais hoje. Por exemplo, dentro das ciências sociais e humanas o conceito podia ser vislumbrado na primeira metade do século XX para descrever grupos restritos. Ainda no século XX, os antropólogos britânicos passaram a usar o conceito de modo um pouco diferente, agora passando dos sistemas culturais, para redes de relações sociais, onde, em seguida, chegou-se a formulação do conceito propriamente dito de rede social um pouco semelhante ao que temos hoje (VERMELHO; VELHO; BERTONCELLO, 2015).

Alguns estudos estadunidenses olharam mais para uma vertente de sistemas sociais, de um modo que o conceito passou a descrever os modelos de relações que os grupos estabeleciam. O Grande foco das correntes sociológicas e antropológicas era, sobretudo, explicar o comportamento dos indivíduos através dessas redes onde eles estão inseridos, para uma análise entre eles e as suas motivações (VERMELHO; VELHO; BERTONCELLO, 2015). Na verdade, dentro da gênese do conceito de redes sociais há um mundo a ser explorado até chegarmos ao modo como entendemos nos nossos dias. Porém, o intuito aqui é demonstrar a abrangência dessa ideia e partirmos de um ponto inicial da discussão para avançarmos rumo ao entendimento do assunto.

De acordo com Mira e Bodoni (2014), a definição abrange características inerentes que ocorrem através de uma interação virtual entre grupos. Strey (2010), por sua vez, entende redes sociais como “páginas virtuais que facilitando a interação entre as pessoas, proporcionando diferentes relacionamentos. Contendo detalhes pessoais em maior ou menor grau” (p. 41). São pessoas interagindo por vias virtuais conglomeradas em um grupo específico. Não é meramente um amontoado de pessoas unidas sobre um propósito específico, mas um grupo organizado de pessoas que fazem jus ao termo “social”, que vem do Latim “*socius*, que significa companheiro, subentendendo assim que social possui um interesse comum” (MIRA & BODONI, 2014, p. 106).

Dentro do próprio conceito de redes sociais existe um fator muito importante que faz a distinção de duas comunidades: as virtuais e as sociais. As comunidades virtuais são aquelas marcadas por uma finalidade trabalhista. Você não tem a escolha para participar

daquele grupo específico. Já as comunidades sociais, são aquelas com fins relacionais, que seria a voluntariedade na participação. Você toma a decisão de participar daquele determinado grupo, sem necessidade de força ou imposição.

Sobre este aspecto da voluntariedade, as pessoas que aderem a essa nova realidade virtual precisam estar dispostas a estreitarem laços, exporem uma parcela das suas vidas aos outros, compartilharem ideias, etc. É um local onde a interação social torna-se a responsável pela construção da coletividade, a mútua colaboração e a transformação de conteúdo em torno dos interesses dos atores sociais que fazem parte. Obviamente na vida cotidiana das pessoas essa realidade é onde melhor esses fenômenos se expressam, porém, com a velocidade da internet estas coisas são potencializadas e mais facilmente aderidas pelo público (BARBOSA et al., 2010).

As relações existentes dos indivíduos entre si nas redes sociais são o resultado de um processo encontrado na proposta inicial na criação da internet. Ela nasceu como uma interligação de redes de computadores apenas para a troca de informações entre as máquinas. Posteriormente essa relação foi impressa nas relações entre as pessoas que passaram a usar essa mesma rede para troca de informações pessoais (BARBOSA et al., 2010). Quando esse fenômeno sai das máquinas para afetar a vida humana, a questão se torna debate na Sociologia, Filosofia, Antropologia, Teologia, etc. Talvez o grande motivo para isso são as transformações operadas na estrutura social e a grande adesão que cada vez aumenta entre todas as idades.

Com o rápido desenvolvimento da internet, criou-se uma nova dimensão no dia a dia das pessoas. Por conta dos serviços prestados em prol da comunicação, a internet acaba virtualizando uma porção das relações humanas e modificando as práticas e relações sociais existentes (BARBOSA et al., 2010). É perceptível que uma marca muito evidente dessa relação entre a internet e os indivíduos é a interação possível de vista ao longo da história. Dentro de todo um panorama histórico a interação se tornou algo marcante como característica de todo o processo (CALAZANS; LIMA, 2013).

Exemplificando na história, em 1995 nascia, talvez, aquilo que se tornaria posteriormente o modelo das redes sociais que temos hoje com a criação do *Classmates.com*, que possibilitava o reencontro de antigos colegas de escola. Em 1997 o gênero *Blog* começou a ganhar visibilidade por conta da troca de informações e conteúdo

entre os seus usuários. Em 2001 aquilo que foi nomeado de *Web 2.0* se tornou a grande força nos serviços de interatividade em rede; o motivo era a sua velocidade na entrega de dados e o seu incentivo a inteligência coletiva². Em 2002 o *Friendster* se tornou o primeiro site a receber o status de rede social online, pois proporcionava a interatividade, mas agora com a possibilidade da criação de perfis pessoais. Foi a partir daí que em 2004 houve uma popularização massiva desse tipo de conteúdo com a criação de sites como o *Orkut* e *Facebook* (CALAZANS; LIMA, 2013).

Tanto a adesão como a popularidade desses meios de interação podem ser entendidas não meramente pelo valor qualitativo de tal fenômeno, mas, como os serviços de telefonia tiveram uma baixa no preço deixando muito mais fácil o acesso a esses produtos por parte das diversas classes sociais, houve uma transferência das redes de computadores para a de telefonia, ampliando a praticidade e a mobilidade. Ao passo que isto acontecia a própria tecnologia foi avançando e tornando possível a publicação de imagens, textos e áudios com uma grande facilidade, que é o caso do Instagram (CALAZANS; LIMA, 2013). É nesse ritmo que nós, os brasileiros, somos uns dos países mais afetados com tudo isso³, e o modo como evidenciamos isto é o que veremos a seguir

2 – COMO AS REDES SOCIAIS TÊM ATINGIDO OS INDIVÍDUOS E A SUAS INTERAÇÕES SOCIAIS

Há muito tempo o uso da internet deixou de ser apenas um meio de pesquisa escolar ou instrumento de trabalho, passando a fazer parte da vida das pessoas (BARROS; CARMO; SILVA, 2012). Como vimos anteriormente, o propósito inicial da internet de montar uma rede de informações entre as máquinas, foi adotado como filosofia fundante pelas redes sociais aplicada nas relações de interações humanas. O que durante muito tempo não era uma realidade essencial das redes sociais tornou-se característico dela, ou

² “Nesses espaços, usuários passaram a expressar sua individualidade, através da exposição de suas opiniões e gostos pessoais, saindo da posição passiva imposta pelas mídias tradicionais.” (CALAZANS; LIMA, 2013, p. 11)

³ “O país também é mundialmente conhecido por ser um dos que assiduamente utiliza sites de redes sociais. Em 2012, essa categoria capturou a maior porcentagem de tempo gasto dos consumidores brasileiros, com 36%. Desse volume, 92,8% foi dedicado ao Facebook (COMSCORE, 2013), que tem no Brasil o seu segundo maior mercado (PNUD, 2013).” (CALAZANS; LIMA, 2013, p. 13)

seja, a ênfase nos relacionamentos. Mas isso não é tudo, as pessoas não entendem mais as redes sociais apenas como instrumentos de diálogo ou reencontros, mas tornou-se um instrumento de propagar notícias, bem como de acesso e produção de informações (BARROS; CARMO; SILVA, 2012).

Enquanto seres humanos limitados pela finitude e imperfeição, os homens e mulheres não conseguem extrair do “mundo real” a mesma demanda relacional e informativa para aplicar na sua vida em sociedade assim como acontece no “mundo virtual”. Torna-se necessário, nesse caso, abrir mãos da tentativa de acompanhar o ritmo que tem sido impresso na realidade, desde o surgimento da internet, e confiar essa necessidade àquilo que de fato pode suprir as suas necessidades. É possível que um dos propósitos das novas tecnologias que vem surgindo, no que concerne as redes sociais, busquem realmente suprir esse anseio; essa carência do ser humano. Na verdade, este é o propósito de toda tecnologia: suprir uma necessidade humana, que com apenas as suas mãos ou mentes não consegue alcançar (VERMELHO; VELHO; BERTONCELLO, 2015).

Um grande exemplo disso são as máquinas agrícolas ou industriais que acabam substituindo os homens e mulheres, se não qualitativamente, mas nem dúvidas quantitativamente. Tem sido levantado questionamentos sobre a grande demanda de pesquisas nessa área, pois “afinal, as máquinas vão superar os humanos”?⁴ No futuro próximo as pessoas serão substituídas pelas coisas? Pelo menos já tem havido essa tentativa⁵. Certo é que tem sido assumido que a tecnologia não tem como finalidade substituir os seres humanos, mas suprir as necessidades das suas ações, àquilo que sua mente e mãos não podem alcançar. A tecnologia foca no homem, sim, mas para “ampliá-lo ou completa-lo” (VERMELHO; VELHO; BERTONCELLO, 2015, p. 874).

⁴ Vale consultar esse breve artigo sobre inteligência artificial no Jornal Gazeta do Povo: <https://www.gazetadopovo.com.br/economia/inteligencia-artificial/afinal-as-maquinas-vaio-superar-os-humanos-7b78bx7f7la376bmtofhwfe4k>

⁵ Breve artigo do R7 com o tema: “Os robôs podem substituir os seres humanos no futuro?” - <https://noticias.r7.com/tecnologia-e-ciencia/os-robos-podem-substituir-os-seres-humanos-no-futuro-20112017>

Existem pelo menos três aspectos que as redes sociais, como tecnologia, tocam anseios humanos. Primeiro, na sua liberdade de expressão. Os seres humanos foram criados para a comunicação desde os primeiros anos de vida, apesar de não conseguirem articular bem as palavras por suas limitações físicas, tentam em muitos momentos externarem em sons ou gestos suas necessidades. É algo que faz parte da nossa essência, e quando isso é tirado de nós tornamo-nos incompletos como seres (DE CASTRO, 2014). É nesse ponto que as redes sociais conseguem encontrar um campo favorável, pois além de suprir esse anseio daqueles que desejam e possuem a desenvoltura para se expressarem, alcança aqueles mais desprovidos que desejam se engajar nessa atividade, mas esbarram em suas próprias deficiências.

Sobre isto, Barbosa et al., (2010) afirma o seguinte:

As redes sociais propiciam o compartilhamento de ideias e de valores entre pessoas e organizações que possuem interesses e objetivos em comum; criadas na Internet, elas são hoje importantes instrumentos de participação e de mediação no diálogo social e político estabelecido em diferentes planos da vida social: individual, social, empresarial e governamental. (p. 3)

Agora, para colocar sobre a mesa uma opinião ou externar as nossas críticas sobre um determinado assunto, não precisa mais escrever um livro, fazer parte de um jornal, ou participar de uma conferência acadêmica. Dentro dessas redes você interage produzindo, não importa se o conteúdo é substancial ou não, a questão é: as redes sociais possibilitam com que todas as pessoas tenham o direito e a aparente capacidade de externarem suas opiniões e produzirem os seus conteúdos.

Não é que eles simplesmente tenham essa oportunidade e podem fazer uso dela, mas há um incentivo para que participem dentro do seu contexto de atuação, até porque aquele que adentra nesse mundo não o fará despido de munições que tornem relevantes a sua manifestação, principalmente pelo motivo das redes sociais terem na sua essência o envolvimento de linguagem simbólica, o reconhecimento de limites culturais e relações de poder. Tanto podem potencializar o discurso, como o mascara, pois, o importante é participar com relevância e reconhecimento dos outros (BARBOSA et al., 2010).

Além de suprir o anseio da liberdade de expressão, em segundo lugar, as redes sociais também buscam preencher os anseios humanos por comunicação de si mesmo e

dos outros. O que falar de *Nosedive*⁶, em que retrata uma mulher totalmente desesperada para ser notada nas mídias sociais, sempre em uma luta ferrenha para receber curtidas, e que acaba se dando mal? Não seria um bom reflexo da nossa realidade hoje? Pois bem, como as redes sociais não são usadas apenas por perfis pessoais, mas também comerciais (BARBOSA et al., 2010), parece que a realidade da exposição dos melhores produtos, se tornou a exposição dos melhores perfis. Não adianta apenas ter um perfil que me identifique dentre os demais, agora há uma disputa, seja ela reconhecida ou não, para quem melhor se apresenta no universo virtual.

Essa questão nos leva ao terceiro aspecto das redes sociais como busca por corresponder aos nossos anseios, que é a grande demanda de grupos, comunidades ou redes de relacionamentos. Foi feita uma pesquisa entre os brasileiros e o resultado foi que “nas atividades associadas à participação em redes sociais, verifica-se que a participação em sites de relacionamento é a atividade mais utilizada” (BARBOSA et al., 2010, p. 5). Essa necessidade por relacionamentos faz parte daquilo que somos como pessoas (ERICKSON, 2015), e esse anseio é algo natural de todo ser humano. Semelhante ao que falamos sobre a comunicação, com as redes sociais há uma grande facilidade da expansão dos relacionamentos, sejam eles a distância, ou próximos a você, fato é que as amizades aumentam em graus jamais vistos, isto, claro, sem considerar a proximidade ou a profundidade dessas relações.

Sobre esse universo dos amigos virtuais que as redes sociais disponibilizam, Rafael Landim escreve que “toda essa rápida transitoriedade na criação e exclusão de uma amizade, não produz profundidade nesses relacionamentos, muito menos uma segurança e confiabilidade na grande maioria das amizades *on line* [sic]” (LANDIM, 2012, p. 25). Posso me tornar amigo daqueles que jamais vi ou dirigi alguma palavra, ou, faço parte de uma comunidade que nunca expressei opiniões ou participei de algum modo. Entretanto, em um relacionamento é imprescindível a qualidade da atenção dispensada ao outro, sem a qual a amizade não poderá ser reconhecida como tal (KEELING, 2002), algo que não é necessário, por exemplo, nas relações virtuais. Não queremos desprezar a validade das

⁶ 1º episódio da terceira temporada de Black Mirror (2011) com o título em português “Queda Livre”.

amizades feitas nas redes sociais, mas apenas o perigo do engano e superficialidade que normalmente possa ocorrer.

Quando unimos todos esses fatores sobre o impacto das redes sociais na vida das pessoas e da (ou em) sociedade, percebemos que acontece uma fragilização na harmonia real/virtual no cotidiano de cada indivíduo. O resultado é uma dualidade entre a vida real e a vida virtual, até pela relativa similaridade em alguns aspectos de ambas as propostas, ainda que cada um possua as suas especificidades. Nos desdobramentos do vínculo inevitável do real com o virtual, as vivências subjetivas dos sujeitos acabam criando uma certa continuidade e flexibilizando as fronteiras que dividem uma da outra (ROSA; SANTOS; FALEIROS, 2016). O homem acaba perdendo a sua integridade, passa a ser alguém dividido. Não é possível mais saber com quem estamos nos relacionando, ocorrendo uma inevitável tensão (VERMELHO; VELHO; BERTONCELLO, 2015) que outrora deveria ser resolvida com a proposta inicial da criação das redes sociais.

Depois de analisarmos todas essas informações, é inegável que por um lado, as redes sociais trouxeram diversos benefícios como foi visto anteriormente. Entretanto, por outro lado, o impacto negativo é muito forte na vida pessoal e social das pessoas. Quando nos deparamos com uma determinada situação que apresenta os dois lados de uma mesma moeda, geralmente são questionados os limites e o padrão usado para que haja um manuseio saudável ou uma resposta satisfatória (um clamor ético!). Diante disso, considerando os benefícios e malefícios das redes sociais, qual deve ser a minha postura no uso das redes sociais e quais os padrões que devem reger a minha conduta frente a elas? É o que iremos observar a seguir.

3 – UMA PROPOSTA DE USO DAS REDES SOCIAIS REGULADAS PELA ÉTICA CRISTÃ

Determinar a minha postura no uso das redes sociais e identificar quais os padrões que devem regulamentar a minha conduta de acordo com a fé cristã não é algo fácil. Possivelmente o grande motivo é de não termos um ou mais versículos na Bíblia que falem diretamente sobre o assunto por causa do intervalo temporal entre a escrita dela e os nossos dias. Deste modo, se não temos material bíblico específico sobre o tema, deveríamos abrir mãos da revelação divina? Claro que não! E este é um dos grandes

problemas daqueles que não entendem bem como a Bíblia pode ser relevante para a contemporaneidade, apesar de ser um livro tão antigo.

O modo como iremos propor uma forma de usar as redes sociais de acordo com o cristianismo é partindo da ética cristã, observando algumas passagens que nos darão princípios que servirão para sabermos a vontade de Deus para a temática, e por fim, pontuar algumas informações que poderão ajudar a enxergar os limites e o modo adequado de usá-las.

Considerando que a ética “investiga coisas tais como o bem e o mal, e certo e errado” (FRAME, 2010, p. 47), as redes sociais também devem passar pelo seu crivo, pois assim como qualquer outra ação presente na humanidade, o uso das redes sociais também precisam de análise moral. Dentro da concepção de John Frame sobre a ética cristã há um estrito relacionamento com a teologia, de um modo que não é possível avaliar qualquer situação ou pessoa sem levar a opinião de Deus em conta (FRAME, 2013). Na verdade, segundo esta proposta, não tem como compreender nada dentro da história da civilização humana sem a crença em Deus (VAN TIL, 2012), muito menos a relação do cristão com o mundo virtual.

Tratar sobre qualquer assunto dentro da ética é difícil, porque as questões que nos apresentam dia após dia são complexas por natureza. Não basta meramente aprender um conjunto de regras que norteiem as nossas decisões, ou simplesmente reduzir as demandas das situações, ou ainda deixar sobre o controle das minhas motivações. Sendo as questões revestidas de dificuldades e não bastando escolher uma única forma de abordagem, a solução seria examinar o assunto proposto com base nas regras, situações e motivações. Em outras palavras, para abordarmos uma demanda ética tendo como base a fé cristã é preciso haver um equilíbrio entre aquilo que Deus prescreve, considerando os fins e os meios, e sondando as experiências pessoais (FRAME, 2013).

Para abordarmos o assunto das redes sociais com a Bíblia precisamos nos reportar a uma metodologia muito pertinente de interpretação bíblica, especialmente quando queremos aplicar os seus princípios em contextos diferentes. Ela é chamada de construção e manutenção da normatividade, que em linhas gerais seria analisar um texto bíblico a partir de um princípio imutável, mas que contém uma regra (ou norma) que serve para ensinar e viver o princípio, e esta pode ser relativa ao tempo e a cultura, sem jamais

contradizer ou enfraquecer o princípio (LIMA, 2017). Assim, textos que claramente tem aplicação direta a cultura a qual foram escritos não perdem a sua validade para outros contextos, mas, o modo como ele será vivido tomará uma nova forma de um modo que aquele princípio inicialmente visto possa ser mantido como a vontade de Deus a todas as pessoas e em todas as gerações.

Talvez um texto que exemplifica bem isso que temos falado é o Salmo 101.3 que diz: “Não porei coisa injusta diante dos meus olhos” (ARA). Este salmo de Davi foi escrito pelo menos 1000 anos a.C. (SCHULTZ, 2009) onde a tecnologia ainda era muito escassa, e querer aplica-lo diretamente às redes sociais como se esse fosse o propósito do autor seria um anacronismo gritante e um erro interpretativo. Porém, como temos falado, todo texto possui um princípio a ser obedecido por todas as pessoas, o que muda é a regra que facilita a execução deste princípio. Basicamente Davi estava se referindo ao modo como os reis deveriam olhar de forma justa para todas as coisas (MACARTHUR, 2010), e o princípio ensinado por ele era um cuidado com a forma e aquilo que os justos colocavam diante dos seus olhos.

Não temos um rei na cultura brasileira, nem mesmo a sociedade daquela época considerava o texto de aplicação unilateral aos governantes. Então, poderíamos acreditar que apesar da lacuna de tempo, o princípio encontrado no texto pode ser aplicado em nossas vidas como cidadãos comuns à semelhança do público imediato que recebeu aquele salmo. O princípio ficou claro, mas como executá-lo a partir da norma? Muitos exemplos poderiam ser dados sobre a exposição dos nossos olhos sobre aquilo que não agrada a Deus. Quando Jesus tratou sobre adultério em Mateus 5.27-28 ele disse que aqueles que “olhassem” para uma mulher que não fosse a sua esposa com intensão impura, já havia adulterado com ela. Ele também falou em outra ocasião sobre o cuidado que devemos ter com aquilo que olhamos (Mateus 18.9).

Trazendo para o nosso assunto, o modo como o Salmo 101.3 pode ser aplicado ao uso das redes sociais é exatamente sobre aquilo que temos colocado diante dos nossos olhos quando estamos acessando a internet, como por exemplo conteúdos de cunho sexual. De acordo com Lima (2011), quando expomos os nossos olhos a pornografia na internet estamos sujeitos a muitos males tais como a quebra de comunhão com Deus e a possibilidade de um futuro adultério aos casados. Outra forma prejudicial diz respeito ao tempo que temos investido em olhar as redes sociais, pois o exagero torna o uso

pecaminoso (LANDIM, 2012). Voltando ao tema da imoralidade, o mal-uso pode refletir uma condição do nosso coração que sempre tem desejado olhar para esse determinado tipo de conteúdo; em outras palavras, é o desejo para ver o que é proibido (LIMA, 2011).

Outras passagens, sem desconsiderar os abismos culturais e epistemológicos entre o texto bíblico e a situação atual, podem seguir o mesmo padrão de aplicação que foi exposto anteriormente. Vale ressaltar que reconhecemos a intenção do autor e seus objetivos na escrita de tais palavras para seus contextos imediatos, o que não impede das aplicações a seguir serem possíveis e recomendadas.

Sobre aquilo que podemos escrever ou falar nas nossas conversas e publicações (Efésios 4.29); evitar a defraudação de pessoas do sexo oposto com palavras, fotos etc. (1 Tessalonicenses 4.6); quando na publicação de fotos suas ou de outros tomar muito cuidado com a decência (1 Coríntios 14.40); o tempo gasto com as redes sociais precisam ser matéria de muita consciência (Efésios 5.16); por ser um ambiente de relacionamentos é necessário muito cuidado para não cair em fofocas (Provérbios 11.13); em não falar mal das outras pessoas (Tiago 3.7-9); dar a entender que as coisas do mundo são mais valiosas que as coisas de Deus (Tiago 4.4); não ser falso em comentários, curtidas, opiniões, etc. (Provérbios 30.7); não cair na tentação de ficar olhando para pessoas do sexo oposto com intenções impuras (Jó 31.1). Novamente, todos esses textos têm uma regra específica para o contexto em que foram escritos e não se referem ao uso das redes sociais, mas o princípio é abrangente ao ponto se podermos aplicar em nossas vidas no que concerne ao uso desse meio de comunicação.

Claro que devemos considerar exceções aos tópicos que elencamos acima, pois se algum crente trabalha em uma operadora de serviços tecnológicos e o seu ramo é na área de redes sociais onde ele precise está sempre conectado ou atento a essa demanda, o seu uso se justifica. O que estamos falando é sobre o uso como entretenimento. Sobre isto, Monteiro (2012) já havia alertado, pois segundo ele, o entretenimento, seja lá qual for (nisso inclui as redes sociais), tem o potencial de prejudicar a forma como enxergamos a vida, as nossas finanças, a nossa mente com a exposição a um conteúdo sempre superficial, e os nossos relacionamentos que não permitem que desenvolvamos relações interpessoais duradouras. De fato, quando dedicamos nossa “fidelidade última a algum ser além do Deus da Escritura”, estamos praticando a idolatria (FRAME, 2010, p. 150).

Se existem tantas advertências sobre o uso das redes sociais, como eu poderia fazer uso delas de um modo que agradasse a Deus? Sobre o comportamento adequado no uso das redes sociais da internet entre os cristãos, Landim (2012) sugere quatro formas. Primeiro, na propagação de missões; segundo, na edificação dos irmãos e o estímulo na fé; terceiro, na divulgação de eventos da igreja; e quarto, na busca de sites com conteúdo cristãos. Obviamente que o uso adequado não se limita a esses, pois o reencontro dos antigos amigos, os recados rápidos que economizam tempo e dinheiro, a fácil exposição de ideias, etc. são exemplos dos benefícios de usar as redes sociais. No entanto, como cristãos devemos ficar atentos (não apenas no uso das redes sociais) sobre a forma como temos usado aquilo que Deus nos tem dado por sua graça, porque vivemos uma contracultura aqui na terra (Romanos 12.1-2) e tudo o que fazemos deve glorificar a Deus (1 Coríntios 10.31).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ideia do uso do termo rede social em tempos passados estava relacionada com um agrupamento de pessoas que compartilhavam do mesmo alvo – troca de informações. Ficou evidente que a influência da internet com o propósito dessa transferência de informações entre as máquinas tornou-se um aspecto fundante do que viria a ser as “redes sociais”. No início a finalidade de aproximar pessoas distantes e possibilitar a troca de informações entre grupos foi substituída por perfis representativos que serviam para identificar os indivíduos para que ele estivesse habilitado não apenas para interagir com novos relacionamentos virtuais, mas também para ser um formador de opinião.

O uso foi se tornando cada vez mais necessário na perspectiva das pessoas, e aquilo que outrora era um objeto de auxílio, passou a ser um entretenimento. Com a facilidade ao acesso as pessoas em grande escala aderiram as redes sociais, e elas aderiram as pessoas, pois esse fenômeno passou a fazer parte integrante do dia a dia delas. Com toda essa evolução os benefícios passaram a ser questionados, e os malefícios se tornaram evidentes, ao ponto dos questionamentos sobre a sua licitude serem algo comum de acontecer.

Na nossa pesquisa chegamos a momentânea conclusão que a ética cristã pode ajudar aos usuários das redes sociais a fazerem uso de uma forma lícita que agrada a Deus. Não é simplesmente uma opinião religiosa, e sim uma preocupação com algo que está

afetando as vidas das pessoas de uma forma altamente prejudicial. Existem limites no uso das redes sociais e princípios que regulamentam o manuseio adequado, e estes são encontrados nas linhas da revelação divina, considerando as situações corretamente, e percebendo as nossas motivações. Esperamos que outros, seguindo o mesmo viés e não desconsiderando a necessidade, possam ampliar posteriormente as considerações feitas nesse trabalho.

REFERÊNCIAS:

BARBOSA, Alexandre F, et. al. Redes sociais: revolução cultural na internet. **Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic.br)**. a. 2, n. 2, abril, 2010.

BARROS, Arthur de Alvarenga; CARMO, Michelle Fernanda Alves; SILVA, Rafaela Luiza. A influência das redes sociais e seu papel na sociedade. **Anais do Congresso Nacional Universidade, EAD e Software Livre**, Minas Gerais, v. 1, n. 3, 2012.

CALAZANS, Janaina de Holanda Costa; LIMA, Cecília Almeida Rodrigues. Sociabilidades virtuais: do nascimento da Internet à popularização dos sites de redes sociais online. **9º Encontro Nacional de História da Mídia**. Ouro Preto, MG. 2013, ISSN 2175-6945.

DA SILVA, Valney Veras (Org.). **Vivendo em um mundo sem Deus**. Fortaleza: Syllabus, 2012. 154 p.

DE CASTRO, F. F. Linguagem e comunicação em Heidegger. **Galaxia** (São Paulo, Online), n. 27, p. 85-94, jun. 2014. <http://dx.doi.org/10.1590/1982-25542014116332>.

ERICKSON, Millard. **Teologia sistemática**. São Paulo: Vida Nova, 2015. 1232 p.

FRAME, John. **A doutrina da vida cristã**. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2013.

_____. **Apologética para a glória de Deus**. São Paulo: Cultura Cristã, 2010. 224 p.

KEELING, Michael. **Fundamentos da ética cristã**. São Paulo: ASTE, 2002. 223 p.

LANDIM, Rafael Batista. **O comportamento adequado no uso das redes sociais da internet entre os cristãos**. 2012. 46 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Seminário Batista do Cariri, Crato – Ce., 2012.

LIMA, Adílio Éder Dantas de. **O ministério pastoral e a pornografia na internet: perigo e consequências**. 2011. 39 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Seminário Batista do Cariri, Crato – Ce., 2011.

LIMA, Adílio Éder Dantas; BEZERRA, Carlos Alberto. **Dízimos e ofertas**. Eusébio, Ce: Editora Peregrino, 2017. 168 p.

MACARTHUR, John. **Bíblia de estudo MacArthur**. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2010. 2048 p.

MIRA, José Eugênio; BODONI, Patrícia Soares Baltazar. Os impactos das redes sociais virtuais nas relações de jovens e adultos no ambiente acadêmico nacional. **Revista de Educação**, Bauru, SP, v. 14, n. 17, p. 103 – 115, 2011.

ROSA, Gabriel Artur Marra; SANTOS, Benedito Rodrigues; FALEIROS, Vicente de Paula. Opacidade das fronteiras entre real e virtual na perspectiva dos usuários do Facebook. **Psicologia USP**. São Paulo, v. 27, n. 2, p. 263-272, 2016.

SCHULTZ, Samuel J. **A história de Israel no Antigo Testamento**. 2ª ed. São Paulo: Vida Nova, 2009. 505 p.

STREY, Marlene Neves et al. **Violência & internet. Coleção e agora.com – A era da informação e a vida cotidiana**. São Leopoldo, RS: Editora Sinodal, 2011. 114 p.

VAN TIL, Cornelius. **Por que creio em Deus**. Brasília, DF: Editora Monergismo, 2012. 74 p.

VERMELHO, Sônia Cristina; VELHO, Ana Paula Machado; BERTONCELLO, Valdecir. Sobre o conceito de redes sociais e seus pesquisadores. *Educ. Pesquisa*, São Paulo, v. 41, n. 4, p. 863-881, out./dez. 2015.